

A difícil separação de candidato e presidente

Compromissos oficiais confundem-se com palanque, sem falar nas articulações regionais

Adriana Vasconcelos e Chico Otavio

• A primeira viagem do presidente Fernando Henrique Cardoso depois do lançamento da candidatura à reeleição mostrou que será muito difícil separar a figura do candidato da do governante em ação. Em meio aos compromissos oficiais, a disputa presidencial deste ano acabou sempre em evidência. Fernando Henrique esteve com empresários, almoçou com o governador Marcello Alencar, recebeu o candidato do PFL ao Governo do Estado do Rio, César Maia, e ainda anunciou a liberação de R\$ 60 milhões para hospitais federais no estado. Nos dois pronunciamentos públicos que fez, ressaltou sua preocupação com o social, que deverá ser o mote da campanha à reeleição.

Na sede do BNDES, em seminário sobre modelos e políticas de desenvolvi-

mento, Fernando Henrique disse que o desafio do próximo século não será mais econômico, e sim social.

— Temos de reinventar a sociedade. Temos de ver o que fazer com o trabalho, com o emprego, o que fazer com a tecnologia. Como reagir a isso? Que instituições criar, para isso? Ao reinventar a sociedade, que é hoje uma sociedade humana, vamos ter que pensar, no decorrer do próximo século, as instituições ordenadoras desse novo mundo.

Para Fernando Henrique, a sociedade precisa encontrar uma utopia viável. Na sua opinião, esse desafio é difícil de ser ultrapassado, intelectualmente e na prática, mas nem por isso ele acredita que a marca do próximo século será a catástrofe e a exclusão social. Logo em seguida, ao participar de cerimônia no Palácio Laranjeiras para assinaturas de convênios de saúde, Fernando Henri-

televisão Brasil

que previu que seus adversários tentariam dar conotação eleitoral aos seus atos como governante.

— Claro, os maldosos sempre dirão: porque está acelerando agora?

O presidente ressaltou que, nas suas ações de saúde, educação e reforma agrária, a política fica de fora. Destacou ainda que os resultados dessas políticas começam a aparecer:

— Na hora da saúde, educação e reforma agrária, não tem partido, tem povo. O Governo não está voltado para obras, mas para o povo, para pessoas, gente, seres humanos. E as consequências são óbvias. A taxa de mortalidade caiu, sobretudo nas regiões mais pobres. Não caiu por milagre, mas por uma ação discreta e sem barulho, mas efetiva.

Antes de receber César, principal adversário do candidato do PSDB ao Go-

verno do Estado do Rio, Luiz Paulo Corrêa da Rocha, Fernando Henrique almoçou com Marcello. Mas Luiz Paulo, que chegou a participar da solenidade na qual foram liberados recursos para hospitais no estado, ficou de fora. No fim da tarde, recebeu um grupo de empresários que foram mostrar a campanha que será lançada no dia 1º, em comemoração ao quarto aniversário do Plano Real. Comércio, indústria, supermercados e restaurantes estão dispostos a conceder descontos de até 30% durante o mês de julho. Alguns empresários admitem que a iniciativa poderá ajudar a campanha do presidente.

— A eleição do presidente significa a manutenção da estabilidade. A de Lula (Luiz Inácio Lula da Silva, do PT) é uma incógnita — afirmou o presidente da Associação Brasil de Supermercados, Paulo Feijó. ■

23 JUN 1998

O GLOBO